

A BALEAÇÃO E A IDENTIDADE CULTURAL DUMA ILHA: O PROJECTO DE RECUPERAÇÃO DA FÁBRICA BALEEIRA DO BOQUEIRÃO - UM MODELO MUSEOLÓGICO INSERIDO EM REALIDADES LOCAIS

João António Gomes Vieira

1. GENERALIDADES

A Região Autónoma dos Açores, mercê do seu posicionamento geográfico, por factores de ordem político social e por vissicitudes históricas, possui um vasto e diversificado património, sem congéneres em todas as regiões Insulares Europeias, segundo afirmações de conceituados antropólogos.

O Arquipélago dos Açores é banhado pela corrente quente do Golfo do México (Gulf Stream), que permite o desenvolvimento duma variada e abundante fauna, muito especialmente em cetáceos, entre os quais se destaca o cachalote, que geralmente na Região se designa por “baleia”.

Foi precisamente devido à abundância de mamíferos marinhos, que praticamente no limiar do povoamento do Arquipélago, caçadores de cetáceos de toda a Europa, sulcaram os Mares Açorianos

A partir do último quartel do séc. XVIII, as frotas baleeiras da Costa Leste dos Estados Unidos (Nova Inglaterra), navegaram estes mares por mais de um século. Está bem patente os reflexos da baleação Americana em toda a Região, de uma forma mais relevante nas Ilhas que formaram o ex-distrito da Horta, Pico, Faial, Corvo, e Flores.

Condicionalismos de carácter ecológico, geográfico e económico, possibilitaram o desenvolvimento no Arquipélago Açoriano dum complexo de elementos, ideias, crenças e instituições, que tiveram expressão mais significativa nas Ilhas do Pico, Faial Flores e Corvo. Participa por sua vez, no vasto ciclo económico-cultural da baleação, que se distribuí por várias partes do globo.

O documento mais antigo que se conhece actualmente, é uma carta de 1755 do Capitão General dos Açores D. Antão Vaz de Almada, enviada à corte de Portugal, alertando o Reino para o interesse económico do rendimento do azeite que os veleiros ingleses e franceses pescavam nos mares dos Açores. Entendia o autor que tal rendimento deveria reverter para a Coroa Portuguesa, sendo a pesca feita pelos Portugueses.

A verdade é que os portugueses sempre foram pouco industriais para aproveitarem os seus recursos naturais. A nossa história o comprova. Na realidade, decorreu quase um século, antes que nos lançássemos na captura de cetáceos, que se tornaram uma importante fonte de receita durante quase um século e meio, cuja actividade se estendeu às nove parcelas da Região.

2. CAÇA ITINERANTE

Por volta de 1850, o porto da Horta armava o brigue Argos, comandado pelo Capitão florentino António Theodoro Armas, que fazia viagens de baleação ao largo das Ilhas do grupo Central e Ocidental. Os investimentos que a caça itinerante exigia não eram compensadores pela variabilidade e irregularidade, característica da caça itinerante. Este tipo de caça, não teve muita duração pelos riscos de investimentos que lhe são característicos.

3. CAÇA A PARTIR DE ESTAÇÕES COSTEIRAS

As especificidades climáticas geográficas e a migração dos cachalotes determinou, que o sistema de caça a partir de estações costeiras, seria o único método com viabilidade económica. A mais antiga Armação baleeira que sabemos ter existido na Região dos Açores, foi na Ilha das Flores e remonta ao ano de 1857. Ao que se julga só teria entrado em actividade dois ou três anos mais tarde.

Importa referir que a partir dos finais do séc XVIII, navios das frotas baleeiras de Nova Inglaterra, começaram a procurar os fundeadouros da Ilha para fazerem aguada, refrescaram e recrutaram elementos para as suas tripulações. Nas primeiras décadas do século passado, o Porto da Horta na Ilha do Faial, tornou-se num grande entreposto baleeiro de abastecimento de víveres e mão de obra barata. Foi dessa marinagem treinada nos frotas americanas, que surgiram os primeiros baleeiros dos Açores.

Na sua imortal “Moby Dick” Melville refere a natural aptidão dos marinheiros açorianos e a sua capacidade de adaptação à vida de bordo, que era extremamente dura e arriscada.

Na Ilha das Flores, à semelhança daquilo que aconteceu por todo o Arquipélago, a baleação passou por várias fases evolutivas.

4. FASE ARTESANAL

Consistia na extracção do "azeite"(1) pela fusão do lardo em caldeiros a céu aberto. De resto, sempre foi o processo mais primitivo conhecido, praticado pelos Bascos, pelo menos desde o ano 832 da nossa era, bem como os esquimós das Regiões polares e os Índios de ambas as costas dos Estados Unidos e os Biscainhos na Baleação do Brasil Colonial sécs. XVII e XVIII.

O processo de ebulição a céu aberto, em dias de chuva era uma tarefa penosa, pelos respingos da água no azeite a ferver. Um toldo montado sobre os caldeiras, à semelhança do que usavam a bordo dos navios baleeiros era uma protecção que melhorava a penosa tarefa do derretimento do toucinho dos cachalotes.

Atendendo ao facto da caça se processar ao longo do ano, numa Região com chuvas abundantes de Outubro a Maio, um abrigo sumário, dificultava a faina baleeira, desde a extracção ate à armazenagem. Uma vez que iniciada a transformação dum cachalote não podia ser interrompida, sem o risco de perda dos produtos e da qualidade dos mesmos.

No início da década de 30, o Armador Maurício António de Fraga, da costa sul da Ilha das Flores, construiu no Porto das Lages das Flores, uma instalação designada por Casa da Baleia, que consistia num espaço coberto, em que foram montados dois “pots” de derreter, uma “cooler”, tanque de arrefecimento e decantação do azeite e no sub-solo, foi construída uma enorme cisterna com capacidade de armazenagem da produção da campanha anual. Ao que sabemos, foi a única construção existente em todo o Arquipélago, neste género. É nitidamente uma tentativa pré-industrial, que uma década mais tarde, veio a acontecer na própria Ilha, e em mais três ilhas da Região.

5. FASE INDUSTRIAL

A fase artesanal consistia essencialmente no aproveitamento da matéria gorda do cachalote e do ambar cinzento, que era um produto muito raro e de altíssima procura no mercado. Durante a II Guerra Mundial, atingiu valores de cotação idênticos ao do ouro!

O desenvolvimento industrial, que começou a surgir na Europa, após a I Guerra Mundial, atingiu Portugal no década de 30.

Armadores baleeiros, com espírito empresarial, estabeleceram contactos com Armadores de países Europeus, com tradição baleeira, experientes em técnicas de aproveitamento integral do cachalote, que gerava mais valias.

O marmoto que aconteceu no dia 25 de Setembro de 1940, destruiu as instalações artesanais de três Armações Baleeiras da Ilha, bem como de todo o equipamento de transformação e ainda toda a produção de azeite daquela campanha. O que estava armazenado em cisternas, junto à orla marítima, bem como o de duas outras Companhias baleeiras, que estavam em cascos sobre o cais, para exportação aguardando embarque para Lisboa. Foi uma cruel perda da justa retribuição dum ano de duras canseiras, duma penosa tarefa de riscos e de arrepiantes emoções, em que por vezes pagavam com a vida a coragem de

desafiarem o mais poderoso e gigantesco animal do Reino de Neptuno.

Este acontecimento funesto, foi um rude golpe no principal sector da economia, da Ilha, naquela época. Fez mudar a orientação económica da baleação. Abreviou, e certamente acelerou o surgimento da fase industrial.

Foi projectada a construção duma grande fábrica contemplando a especificidade da ilha do seu isolamento e da sua vocação baleeira. A área coberta é de 1850 m².

Concebida nos moldes da arquitectura Industrial dos anos 30, é um belo exemplar desse período de construção e de incontestável beleza, no que toca a linhas, volumetria e implantação, magnificamente enquadrado com a paisagem.

O afastamento geográfico das Ilhas do Grupo Ocidental, que é a maior distância constatada entre qualquer Ilha do Arquipélago, cerca de 140 milhas náuticas dificultava as comunicações com centros de abastecimentos.

Assim, todo o empreendimento visava a maior autonomia e independência na laboração de todos os sectores de apoio à indústria. Uma espécie de navio fábrica que encalhasse junto à costa da Ilha. Com a crise da II Guerra Mundial a procura de óleos de cetáceos foi enorme, resultando no aumento do preço deste produto, que disparou em flecha, atingindo valores da ordem dos 5\$00 por Kg.

Esta fábrica, que era de grande modernidade na época, pela sua organização, é um exemplar único na Região certamente no País. Dividindo-se essencialmente em dois grande sectores: Serviços de transformação e serviços de reparação e manutenção da frota de caça, equipamentos de laboração, incluindo o guincho a vapor, peça de grande raridade.

Assim, em Julho de 1943, entrou em laboração a Fábrica Baleeira do Boqueirão, pertença da Sociedade Reis e Flores Lda, que laborou até ao final de 1981, data em que foi interrompida a caça à baleia na ilha. Em 1983 foi adquirida pela Câmara Municipal de St^a Cruz das Flores, que pretendia utilizar

uma parte do seu espaço e a restante ser aproveitada para fins culturais, e como pólo de atracção turística.

6. EQUIPAMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO

6.1 CASA DAS CALDEIRAS

Duas caldeiras da famosa marca “Babcock & Willcox” uma de 1905 e outra de 1922, são duas peças raras, sobretudo o primeiro exemplar que funcionava com dois sistemas de alimentação: a lenha ou nafta, que forneciam o vapor para os diferentes equipamentos de laboração, como autoclaves, estufas de secagem, moinhos e o próprio guincho para varagem dos cachalotes afim de serem esquarterados.

6.2 CASA DOS AUTOCLAVES

Um conjunto de cinco autoclaves, montados na vertical, cada um com a capacidade de 14 m³, permitiam a extração dos óleos, dos lardos e da ossatura. Serviam, para calcinar os ossos e cozer a carne, que permitia a fabricação de farinhas enriquecidas em cálcio e proteínas para rações de animais e ainda para a preparação de fertilizantes com componentes de matéria orgânica.

6.3 CASA DAS ESTUFAS

Um amplo espaço equipado com noras e passadeiras rolantes para movimentar carne e ossos para as prensas de extração de humidade e ainda estufas de secagem, moinhos para a farinhação dos produtos seleccionados.

6.4 CASA DAS BOMBAS

Um conjunto de bombas a vapor permitia a transfeza dos óleos nos diferentes reservatórios de armazenagem e executava as bombagens para o oleoduto (Pipe-line) que efectuavam o carregamento da produção a exportar para o pequeno navio tanque, que ancorava defronte ao porto do Boqueirão.

6.5 PAIOL DAS FARINHAS

Dois compartimentos situados no Alçado Poente, serviam para armazenar as farinhas de carne e ossos, para venda ao público e para guardar os excedentes que eram exportados para os industriais produtores de rações para animais.

6.6 PAIOL DO MASSAME

Local onde eram armazenados todos os cabos de sisal para os diferentes fins, incluindo a linha dos botes para a caça.

6.7 PAIOL DA FERRAMENTA

Toda a ferramenta da caça, corte e outros instrumentos cortantes, aqui estavam de reserva para abastecerem as necessidades da frota baleeira, e da laboração da fábrica.

6.8 PAIOL DAS PEÇAS

Aqui eram armazenadas todas as peças sobressalentes para caldeiras, guincho a vapor, para a central eléctrica e ainda para os motores das lanchas - rebocadoras de apoio à frota.

6.9 SALA DAS MÁQUINAS

A fábrica dispunha duma central termo-eléctrica equipada com um motor diesel Deutz, que acionava um alternador de 100 Kva, abastecia a corrente eléctrica para o sistema de iluminação de toda a fábrica e equipamento eléctrico-mecânico.

6.10 CARPINTARIA

Um espaço com cerca de 15m por 7 de largo, com a capacidade de armazenagem para 2 botes e três bancadas de calafate, funcionava o estaleiro de reparação e construção naval, para dar capacidade de resposta à operacionalidade da frota.

6.11 OFICINAS

As oficinas de serralheiro, fundidor, torneiro e forja de ferro, ficavam situadas no Alçado Poente para assegurar a produção dos utensílios, ferramentas e instrumentos, bem como as reparações necessárias à manutenção e funcionamento de todos os equipamentos da Armação baleeira.

6.12 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

Conjunto de instalações sanitárias e balneários serviam os trabalhadores da fábrica em termos de limpeza e higiene.

7. DO PROJECTO

A Fábrica Baleeira do Boqueirão é património da Câmara Municipal de St^a Cruz das Flores, e foi adquirida pela Edilidade com vista a preservação e valorização da memória da Baleação

na Ilha, que teve grandes reflexos na realidade sócio-económica local e deixou marcas assinaladas no panorama cultural da Ilha. Pretende o Município de St^a Cruz das Flores, libertar a curto espaço de tempo, as dependências da fábrica que ainda ocupa, como armazéns, oficinas e instalações de outros serviços. Dando assim, continuidade à execução do projecto já elaborado, o qual já foi iniciado e participado pela Secretaria Regional da Educação e Cultura. Importa frisar que a Fábrica em questão, está incluída no circuito de baleação no Guia dos Itinerários Culturais das Regiões da Europa - Trabalho editado em 1990 (Ano Europeu de Turismo) sob os auspícios da Comissão das Comunidades Europeias.

8. POSIÇÃO DO PROJECTO

Até à presente data, foram reconstruídos: as coberturas da Casa das Bombas, Casa das Caldeiras e a Casa dos Autoclaves, bem como todos os vãos de portas, janelas e respectivas vidraças, respeitando rigorosamente o existente em termos de desenho, materiais e técnicas de construção.

Todo o equipamento destes três espaços foi limpo, recebendo tratamentos de conservação, manutenção, sendo restaurada a pintura original, em todos os equipamentos, o que emprestou uma nota de actividade laboral.

De harmonia com a disponibilidade orçamental da Autarquia e da participação financeira proveniente do Programa PEDRAAII.

De maneira resumida pretende a Autarquia levar a efeito:

9. DAR CONTINUIDADE Á RECUPERAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO COMPLEXO FABRIL

- 9.1** Reconstrução da estrutura física da restante parte do imóvel, no tocante à cobertura e a vãos de portas e janelas.
- 9.2** Recuperação de todo o acervo das oficinas de apoio à Armação baleeira.
- 9.3** O estaleiro de calafate (construção naval), para além da sua recuperação, contemplará todas as fases de construção dum bote baleeiro, que é por excelência a mais extraordinária obra da construção naval idealizada pelo Homem, pela sua leveza, resistência em termos físicos de suporte de várias toneladas de tensão no sentido longitudinal, com excepcionais capacidades de navegação quer à vela, quer a remos. É a embarcação de madeira, mais estanque que se conhece, e por absurdo que pareça, é a única que não leva calafeto de vedação. A temática em torno do bote baleeiro, por si só daria matéria para uma extensa comunicação.
- 9.4** Está prevista a criação dum pequeno auditório destinado a conferências e à projecção de audiovisuais, bem como duma cafetaria, com mesas de jogos tradicionais da gente do Mar e uma biblioteca temática, e ainda respectivos lavabos.
- 9.5** No complemento destes espaços de apoio à dinâmica cultural e turística, prevê-se ainda a existência dum espaço para realização de trabalhos artesanais, evocativos das tradições baleeiras, arte de marinheiro e do artesanato de bordo, tendo como material de suporte, osso de bovino, madeira, conchas e cabo de fibra vegetal.

10. RECUPERAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO CIRCUITO BALEEIRO DO CONCELHO DE STA CRUZ DAS FLORES

- 10.1** Recuperação dos acessos pedonais e a da estrutura física das três vigias baleeiras, existente no conselho, com a instalação de telescópicos para observação dos cetáceos.
- 10.2** Animação do complexo (documentação fotográfica) uma colecção de fotografias sobre a Fábrica desde o início da implantação, contemplando as várias fases da construção civil com poses dos operários e ainda em diversas épocas da sua laboração.
- 10.3** Um “diaporama” composto por 280 slides, com aspectos da caça e tratamento dos cachalotes na fábrica, acompanhado duma gravação sonora sobre o historial da baleação na Ilha.
- 10.4** A marca do arpão - Filme de 16 m/m com a duração de 20 minutos é um trabalho realizado com a cooperação do Ministério da Defesa da França e aborda a baleação nos mares da Ilha com uma série de imagens nas diversas fases da laboração da fábrica.
- 10.5** Uma colecção de fotografias 40x60 sobre a fábrica ao longo dos últimos 25, bem como uma colecção de registos sonoros nas diversas fases de laboração, que permitem a reconstituição da mesma no seu período de actividade.

11 ARRANJO PAISAGÍSTICO DA ZONA ENVOLVENTE À FÁBRICA

- 11.1** Demolição de três barracas existentes no lado norte da fábrica.
 - 11.2** Plantação de arbustos endémicos e reposição de elementos da flora local, característicos da orla costeira, que resistem à ventania e à ressalga marinha. Instalação de equipamentos colectivos (mesas e bancos) integrados na paisagem envolvente.
- 12.** Melhoria do acesso à zona balnear do Boqueirão e das condições para a prática das actividades de recreio náutico, já existentes (mergulho, pesca à cana e à linha, canoagem, vela e surf).
 - 13.** Recuperação de dois botes baleeiros para efectuar mini-cruzeiros a vela e a remo ao longo da costa da Ilha, ou simplesmente à observação de cetáceos.
 - 14.** Reconstrução do barracão da Armação Baleeira Esperança, destruído pelo maremoto de Setembro de 1946, que seria utilizado para estrutura de apoio ao recreio náutico, com a dupla vantagem de reconstituir aspectos da Indústria artesanal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anais do Município das Lages das Flores — edição da C.M. das Lages das Flores, 1970
- Beale Thomas— The natural history of the sperm Whale
Holland Press, 2ª edição 1973
- Elton W. Hall,— Sperm whaling from New Bedford,
Old Dartmouth, Historical Society, 1982 Mass
- Frutuoso Garpar— Saudades da Terra, Livro VI
- Gomes Francisco A.N.P— Subsídios para a história da Ilha das Flores, 1984
- Gomes Vieira João A.— O projecto de reconversão da Fábrica Baleeira do Boqueirão,
Revista do Património e Museus locais, nº 1/2 II
Série, Junho a Dezembro 1992, Lisboa
- Herman Melville— Moby Dick or the Whale, Penguin Classics
New York, 1985
- Myriam Ellis— A baleia no Brasil Colonial,
Universidade de São Paulo, 1969
- Starbuck Alexander— History of the American Whale fishery
Castle Books, 1989 N.J., U.S.A.
- Tonessen & Johnsen— The history of the modern Whaling,
University of California Press,
Berkeley and Los Angeles, 1982

NOTAS

1. Azeite ou “azeite de pexie” era a designação genérica de óleo de baleia ao longo de vários séculos e que permaneceu até finais do século passado. Azeite de Baleia era a expressão usada na Ilha até depois da 2ª Guerra Mundial, data em que passou a ser usado “óleo”.